



Análise do perfil social dos comerciantes da feira do sindicato de Ituiutaba-MG e das consequências da pandemia de Covid-19

Analysis of the social profile of the traders at the trade union fair in Ituiutaba-MG and the consequences of the Covid-19 pandemic

SOUZA, Táyrton Augusto Fernandes de¹; MORAES, Murilo Didonet de²

¹ Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Ituiutaba, tayronaugusto1709@gmail.com; ² Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Ituiutaba, murilo.moraes@uemg.br

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Campesinato e Soberania Alimentar

Resumo: Atualmente, há uma preocupação das pessoas em relação à alimentação saudável, o que reflete em maior demanda por alimentos com menor uso de agrotóxicos. As feiras-livres são os principais espaços para esse tipo de comércio, porém sofreram diretamente os impactos da pandemia de Covid-19. Neste contexto, este trabalho tem por objetivo analisar o perfil social dos comerciantes da feira do sindicato de Ituiutaba-MG e as consequências da pandemia de Covid-19. Os instrumentos metodológicos utilizados foram a pesquisa bibliográfica, entrevista semiestruturada, aplicação de questionário e observação assistemática. Os resultados revelaram que a maior parte dos comerciantes da feira pertencem ao sexo feminino, com faixa etária entre 50 e 60 anos e possuem baixa escolaridade. Em decorrência da pandemia, houve alterações no funcionamento da feira que impactaram no fluxo de participantes, fato que indica a necessidade de apoio para a continuidade desse canal de comercialização.

Palavras-chave: comercialização; agricultura familiar; produção agropecuária.

Introdução

As feiras-livres ocorrem em praticamente todo território brasileiro, em especial nas regiões de interior, e são consideradas acontecimentos históricos por abranger fenômenos sociais, culturais e econômicos que perduram desde tempos antigos. Estes locais vêm enfrentando os desafios da atualidade, como o comércio de produtos por aplicativos e redes sociais, além de outros fatores que influenciam direta e indiretamente a vida das pessoas que estão em convívio direto com estas feiras.

Recentemente, a ocorrência da pandemia de Covid-19 afetou o funcionamento das feiras-livres de todo o país e trouxe insegurança aos envolvidos nesse meio, especialmente por ser um setor caracterizado pela comercialização de produtos crus ou minimamente processados e com um prazo de validade curto, oriundos principalmente da agricultura familiar. As feiras-livres foram um dos ramos da economia mais afetados pelo fato de ser um local de interação e contato direto entre produtores e consumidores.



Os impactos da pandemia no município de Ituiutaba refletiram no cotidiano de diversas feiras-livres. Nos meses de restrição mais intensa, todas as feiras ficaram impedidas de funcionar, sendo que a feira do sindicato (objeto do presente estudo), pela primeira vez, deixou de ocorrer tradicionalmente no barracão do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Assalariados e Agricultores Familiares de Ituiutaba (STRI) e na rua em frente onde são montadas algumas barracas. Contudo, com a chegada da vacina e do período de flexibilização do comércio, a feira do sindicato teve seu local alterado e passou a ser realizada na Praça Dezesesseis de Setembro, posteriormente retornando ao local de origem.

Neste contexto, o presente trabalho pretende trazer a sua contribuição para esse debate a partir da análise do perfil social dos agricultores participantes da feira do sindicato de Ituiutaba-MG e das consequências ocasionadas pela pandemia de Covid-19.

Metodologia

O foco do trabalho foi voltado para a feira do sindicato, que ocorre regularmente nas sextas-feiras, das 09 às 17 horas, com barracas distribuídas em uma área coberta, o barracão do STRI, na Rua Quarenta, nº. 477, bairro Progresso, e também na área externa em frente ao sindicato.

Os métodos utilizados para coletar as informações de interesse e alcançar os objetivos foram a pesquisa bibliográfica, entrevista semiestruturada, questionário e observação assistemática (MARCONI e LAKATOS, 2017).

Inicialmente, no dia 24 de março de 2023, foi realizada uma entrevista semiestruturada com o presidente do sindicato que gere o espaço onde está localizada a feira, levantando informações relacionadas a sua formação e funcionamento.

Posteriormente, o foco da pesquisa foi concentrado na aplicação de um questionário em um conjunto de 17 agricultores participantes da feira do sindicato, visando obter informações a respeito do perfil socioeconômico dos feirantes. O questionário foi aplicado na forma de uma entrevista em três datas: duas nos dias 31 de março e 28 de abril de 2023, todas nas sextas-feiras, dias de funcionamento regular; já a outra se deu excepcionalmente no dia 06 de abril de 2023, uma quinta-feira, data que não é o dia habitual da feira, porém houve uma alteração pelo fato desta sexta-feira ter culminado em uma data religiosa (Sexta-feira Santa) respeitada pelos feirantes.

Por fim, a organização dos dados foi realizada por meio de gráficos. Já a análise dos resultados baseou-se nas observações de campo e análise quantitativa do conjunto de dados levantados, sempre correlacionando com as questões teóricas tratadas na revisão de literatura referente ao tema.



Resultados e Discussão

A feira do sindicato teve início há cerca de nove anos, idealizada pelo presidente do STRI que teve por vontade fornecer aos agricultores familiares filiados um local para que pudessem comercializar a sua produção sem que tivessem atravessadores (SANTOS e SANTOS, 2020).

Os agricultores participantes da feira do sindicato não realizam o pagamento de nenhum tipo de taxa para participarem, porém é exigido a filiação junto ao sindicato. Para isso, devem apresentar algum documento comprobatório da atividade rural, como o vínculo empregatício, ou contrato descritivo ou outro comprovante informando a condição legal do produtor perante o estabelecimento rural (próprio, arrendado ou assentado). Além da possibilidade de comercializar na feira, os filiados ao sindicato recebem assistência jurídica e suporte médico e odontológico.

Ficou decidido, desde o princípio, que a feira do sindicato funcionaria nas sextas-feiras, das 12:00 às 18:00 horas. Todavia, em atendimento a uma demanda dos produtores, o presidente propôs o funcionamento da feira também nas terças-feiras, das 12:00 às 21:00 horas. O anseio dos produtores por mais um dia de comércio tinha por fundamento a necessidade de um manejo diário de alguns produtos de origem vegetal para atender a qualidade almejada pelos consumidores.

Contudo, essa experiência não durou muito tempo já que a feira do sindicato sofreu alterações em seu funcionamento em cumprimento ao Decreto Municipal nº 9.406, de 30 de abril de 2020, o qual apontava as diretrizes para combate e enfrentamento ao Covid-19, junto a outras feiras da cidade. Ao descrever as problemáticas enfrentadas pelos agricultores familiares durante a pandemia de Covid-19, Schneider (2020, p. 177) destaca o fechamento e suspensão de funcionamento de diversos meios de comercialização dos produtos oriundos desse segmento social, sendo que estes locais apresentam “como principal oferta alimentos frescos, sazonais e, portanto, com maior qualidade nutricional, importantes ao combate do novo coronavírus”.

A chegada da vacina trouxe as primeiras ações de relaxamento das regras de convívio social. Com isso, a feira do sindicato foi autorizada a retomar suas atividades, porém em um novo local – praça Dezesseis de Setembro, localizada no bairro Progresso –, a apenas um quarteirão da localidade original. O motivo da escolha pela referida praça foi por ser um local aberto e amplo, o que permitia maior distanciamento entre as barracas, em alusão às diretrizes presentes nos decretos municipais deliberados pelo Comitê de Combate e Enfrentamento ao Covid-19.

A decisão final foi no sentido de retomarem a realização da feira no local de origem. Embora tenham resolvido este aspecto, os participantes começaram a enfrentar dificuldades com relação à organização. Sendo que após a feira retornar ao seu local de origem, não houve mais a exigência para que todos os feirantes permanecessem dentro do barracão, no pressuposto de evitar aglomerações. Isso possibilitou que alguns feirantes realizassem a sua comercialização na parte externa



do barracão, ficando instalados em frente ao sindicato, em uma parte da rua que é fechada e sinalizada, proibindo o fluxo de veículos.

Em decorrência das situações descritas, o fluxo de clientes sofreu uma redução drástica, assim como o número de feirantes participantes. Nota-se que durante as pesquisas realizadas por Santos e Santos (2020) em 2019, ou seja, antes de ocorrer a pandemia de Covid-19, o fluxo de feirantes era alto, todavia, o presente trabalho constatou durante as visitas de campo e aplicação de questionários a presença de vinte e um feirantes, aproximadamente 37,5% em relação aos 56 citados pela autora.

Uma das hipóteses deste trabalho foi que a maior parte dos feirantes seria composta por homens. No entanto, o que se observou durante as pesquisas foi a situação oposta, ou seja, a maior parte de feirantes (76%) é composta por mulheres, sendo relatado por elas que os maridos têm participação total ou parcial na produção, transporte e comércio dos produtos.

Ainda sobre a questão das mulheres em um meio considerado masculino, como é o caso da agricultura e das feiras livres, Faccin (2021) descreve que quanto maior for o número de mulheres presente nas feiras e no meio agrícola, maior será a contribuição em desconstruir o papel criado ao longo dos anos de que a mulher é dona de casa ou de que só vai na feira para ajudar o homem.

Outra indagação feita aos feirantes foi acerca da moradia, sendo que os dados indicaram que a maioria (53%) reside na zona urbana. Uma parcela significativa desses feirantes (55,5%) afirmou não possuir estabelecimento rural, enquanto o restante (44,5%) alegou morar na cidade, porém exerce, em algum momento da cadeia de produção, atividade na zona rural.

Em contrapartida ao que foi apontado, Santos e Santos (2020) relatou, ao trabalhar na mesma feira, que 55% dos entrevistados residem na área rural e 45% tem residência na área urbana. O motivo para essa contradição pode estar associado ao fato do número de feirantes que participaram do presente trabalho ter sido menor do que os entrevistados pela autora, e/ou ser uma consequência das alterações ocasionadas pela pandemia de Covid-19.

A idade dos feirantes foi outro ponto questionado, sendo que a faixa etária predominante está entre 50 e 60 anos (47%), seguido de 40 a 50 (23%) e mais de 60 anos (18%), e um baixo número de pesquisados mais jovens, abaixo dos 40 anos (12%). Nascimento et al. (2016), ao estudar o perfil dos feirantes de hortaliças em Alegre-ES, ressaltaram que a minoria de jovens com participação na feira do município é resultado da falta de políticas públicas voltadas ao empreendedorismo rural, assistência técnica e extensão rural ineficientes e não abrangente, além dos atrativos da vida nos centros urbanos com atividades com melhor remuneração.

Quando questionados sobre a escolaridade, o que se observou foi a predominância de feirantes com baixa escolaridade, já que 53% não têm o ensino fundamental



completo e outros 11% não têm nenhuma escolaridade. Dentre aqueles com maior escolaridade, 18% têm o ensino médio completo, sendo que apenas 6% completaram o ensino fundamental, 6% completaram o ensino superior e 6% iniciaram o ensino superior, mas não concluiu.

Perspectiva semelhante foi descrita por Silva et al. (2017), ao apontarem a baixa escolaridade entre pequenos produtores como influência direta da hereditariedade presente na agricultura familiar. Com o conhecimento e as terras passadas de geração em geração, muitas crianças largam os estudos para auxiliar os pais na produção, enquanto outros que optam por dar continuidade aos estudos se mudam para as cidades e, muitas vezes, não retornam ao meio rural.

Outro ponto de interesse abordado com os feirantes foi a quantidade de pessoas que moram e a quantidade de pessoas que trabalham nos estabelecimentos rurais (Figura 1). Os resultados apontaram que em 30% dos estabelecimentos rurais moram três pessoas, em 24% dos estabelecimentos moram duas pessoas e em 18% dos estabelecimentos moram cinco pessoas. Esses dados refletem a conclusão de Nascimento et al. (2016), pois apesar do fato da população do Brasil ter aumentado significativamente nas últimas décadas, o número de componentes da família brasileira diminuiu, inclusive no meio rural.

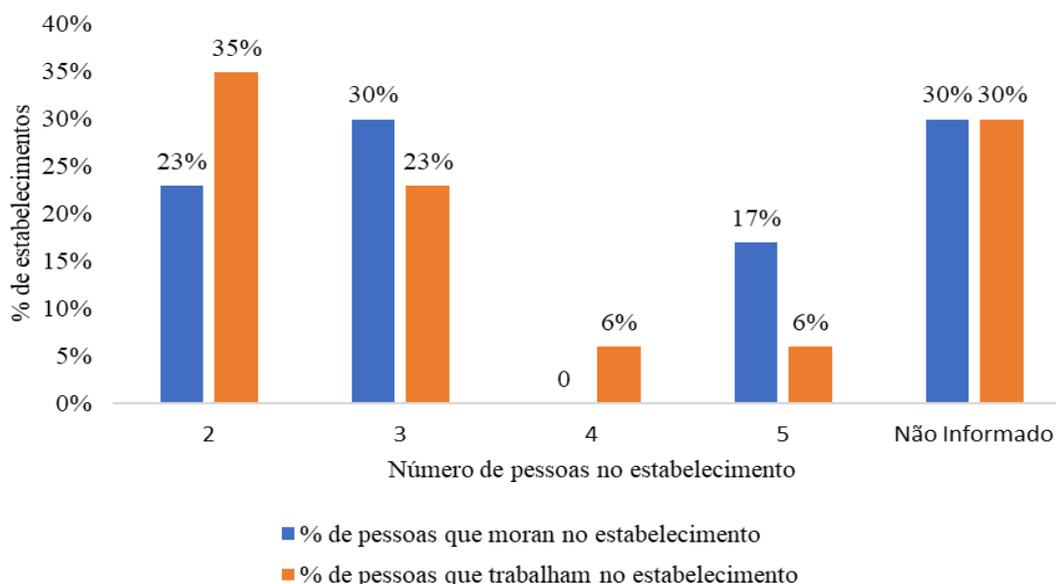


Figura 1 - Percentual de pessoas participantes da feira do sindicato de Ituiutaba-MG que moram e que trabalham nos estabelecimentos rurais
Fonte: Autor (2023)

Por outro lado, em 35% dos estabelecimentos rurais trabalham duas pessoas, em 24% trabalham três pessoas, em 6% trabalham quatro pessoas e em 6% trabalham cinco pessoas, o que ressalta as dificuldades enfrentadas pelos produtores, pois mesmo nas situações em que as pessoas moram no estabelecimento, elas não exercem nenhum tipo de atividade para auxiliar na produção.



Conclusões

A feira do sindicato de Ituiutaba-MG é caracterizada pela comercialização de produtos da agricultura familiar, com ênfase em hortifrúteis frescos e com baixo uso de agrotóxicos, onde a maioria dos feirantes são mulheres, com média de idade entre cinquenta e sessenta anos e com baixa escolaridade. Cabe ressaltar que a pandemia de Covid-19 ocasionou a queda no número de participantes da feira do sindicato, a qual não se restringiu aos clientes, mas também aos comerciantes, criando, assim, um círculo perigoso que pode comprometer o funcionamento do espaço nos próximos anos. Desse modo, para seguir contribuindo com a comunidade local e gerando renda aos agricultores feirantes, esse espaço necessita de incentivo e do apoio das instituições locais.

Referências bibliográficas

FACCIN, Rodrigo D. Percepções femininas sobre a participação em Feira Livre. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba. v. 7, n 4. p. 38256-38261, 2021.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017. 375p.

NASCIMENTO, Maxwel R.; JAEGGI, Mário, E. da C.; SALUCI, Júlio C. G.; GUIDINELLE, Rebyson B.; ZACARIAS, Alex J. Perfil dos Feirantes de Hortaliças do Município de Alegre /ES. **Cadernos de Agroecologia**, v. 11, n. 2, p. 1-8, 2016.

SANTOS, Maria V. dos; SANTOS, Joelma, C. dos. A configuração da agricultura familiar na feira do sindicato em Ituiutaba-MG. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, v. 11, n. 1, p. 19-37, jan./jul., 2020.

SCHNEIDER, Sergio; CASSOL, Abel; LEONARDI, Alex; MARINHO, Marisson de M. Os efeitos da pandemia da Covid-19 sobre o agronegócio e a alimentação. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 100, p. 167-188, 2020.

SILVA, Monica N. da; CECCONELLO, Samanta T.; ALTEMBURG, Shirley G. N.; SILVA, Fernanda N. da.; BECKER, Cláudio. A agricultura familiar e os circuitos curtos de comercialização de alimentos: estudo de caso da feira livre do município de Jaguarão, RS, Brasil. **Revista Espacios**, v. 38, n. 47, p. 7-20, 2017.